

O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: ENSAIOS DE PSICOLOGIA SOCIAL

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes*

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

Ecléa Bosi, no livro *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, chama a atenção para a importância do estudo do passado recente e mostra que a memória oral é um precioso instrumento na constituição da crônica do cotidiano, à medida que pode funcionar como uma espécie de elo entre diferentes tempos. A autora faz indagações acerca da valorização atual da tradição oral e afirma que a formação de identidade se alimenta dos vínculos com o passado. Ressalta também, que essa história cotidiana não deve ser entendida como o avesso da história política hegemônica e muito menos como uma história que vá substituir um conceito ou uma teoria da História. A riqueza em se dar a palavra às pessoas “comuns” para falarem de suas memórias consiste no fato de que elas expressam suas paixões individuais. Paixões essas que não são contempladas na história que se estuda na escola e que trazem em seu bojo elementos distintos e por vezes contraditórios, constituintes da cultura à qual pertencem.

O fato de a memória oral não tender para uma construção monocromática não implica dizer que ela seja mais autêntica que a versão oficial ou ainda, que não sofra influência de ideologias que representem a memória coletiva. Ecléa Bosi, em suas pesquisas, teve a oportunidade de comprovar a influência da narrativa coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória de indivíduos que participaram e testemunharam fatos e que, portanto poderiam enriquecer suas falas a partir dessas vivências. Entretanto não o fizeram. Ao contrário, usaram a narrativa coletiva como forma de legitimar e explicar o poder do grupo ao qual pertenciam.

*Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes é especialista em Docência Superior.

A narrativa coletiva apresenta-se assim como se fora em si mesma mais legítima, trazendo portanto, no seu bojo, elementos significativos para validar aquilo que fora vivenciado pelo próprio sujeito, que, muitas vezes, em sendo convidado a falar do acontecido, ao invés de fazer uso de suas memórias, recorre aquilo que coletivamente institui-se como a memória constituída de um dado episódio ou situação. Vê-se assim a força da ideologia na construção e valorização dessa memória coletiva.

A cada momento do livro a autora nos brinda com exemplos comprovadores da riqueza da memória oral. Chamo a atenção para o fato de que neste sentido também os esquecimentos e omissões apresentam-se como significativos na construção do acontecimento histórico cotidiano, bem como a diversidade de visões de mundo a partir de experiências diferentes de pessoas que compartilharam a mesma época histórica. Dessa forma, a narrativa mostra a complexidade dos acontecimentos, o que exige do pesquisador uma atitude sensível neste processo de recomposição constante de dados, visto que a memória não pode ser compreendida como algo estanque, pronto. Ao contrário, ela se mostra, em razão de ser construída por homens e mulheres, plena de lembranças e esquecimentos, apta a todo e qualquer tipo de atravessamento social que os seres humanos experienciam.

Pode-se inferir que, ao trazer para o leitor o valor significativo, aparentemente paradoxal, dos esquecimentos da memória, a autora esteja referendando as afirmações de Pierre Nora, que ao diferenciar memória de história faz ver o dinamismo típico da primeira quando afirma que

[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (1993, p. 9).

Ecléa apresenta também, com muita propriedade, a problemática do desenraizamento como condição desagregadora da memória, pois a mobilidade imposta aos indivíduos pelo sistema econômico capitalista tende a fazer com que os espaços e objetos tenham basicamente a função de consumo, dificultando a permanência nas casas ou bairros, que guardam em si experiências, emoções individuais, sons e imagens que possuem um significado único, especial. A dispersão das pessoas por diferentes espaços cria de algum modo dificuldades à memória coletiva, visto que a dimensão humana do espaço e do tempo tem sido paulatinamente expurgada pela roda-viva das grandes cidades, onde as velhas casas com varandas, quintais e cadeiras nas calçadas cedem lugar aos arranha-céus, no processo conhecido como verticalização.

Entretanto, ainda que de forma esporádica, como por exemplo, em datas especiais, normalmente comemorativas e associadas à memória coletiva, as pessoas se reencontram e reconstruem o mapa afetivo da cidade.

O sistema capitalista faz-se presente não só na organização do espaço. O próprio tempo teve seu ritmo subjugado à lógica do mercado, idéia claramente explicitada no dito burguês popularmente divulgado: “tempo é dinheiro”, em detrimento da orientação do tempo pelas tarefas. O ritmo das fábricas se impõe e rompe os ritmos sociais.

A autora também nos fala sobre as diferenças e relações cotidianas entre memória-hábito, aquela em que o corpo faz uso automático de mecanismos motores e a memória de eventos únicos, singulares. A respeito dessa última, Ecléa Bosi conta que nos depoimentos orais por ela escutados, o narrador dava voz às suas memórias e vivia no presente e com uma nova intensidade a experiência rememorada, o que significa dizer que não se trata somente de um reviver de imagens do passado, mas sim da memória bergsoniana, ou seja, da “Memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças” (p. 52). Cabe ao ouvinte perceber as imagens produzidas pela fala do narrador, imagens essas que podem inclusive ter a conotação de duração de tempo a partir daquilo que é intuído pelo próprio sujeito que narra, a esse tempo a autora chama de “[...] tempo concreto e qualificado das lembranças” (p. 51).

Ainda no que diz respeito ao tempo, a autora ressalta que a memória é um trabalho sobre o próprio trabalho, só que sobre o tempo vivido de cada pessoa e que este é influenciado pela cultura a qual o indivíduo pertence, por esse motivo o tempo social acaba por se sobrepor ao individual. Essa sobreposição não implica a negação do olhar individual, mas sim o fato de que ao narrar uma situação singular, o narrador fala também de suas relações com outras pessoas, utiliza referências de acontecimentos temporais que marcaram época, faz uso de crenças adquiridas na coletividade da qual faz parte e constrói, por assim dizer, um tempo original, onde a ordenação utilizada obedece a critérios afetivos.

Um dos mais ricos ensaios do livro é intitulado “Sugestões para um jovem pesquisador”, em que fica evidente o cuidado e a preocupação da autora com a ação de ouvir o outro. Há aqui uma espécie de alerta acerca da necessidade de que o pesquisador saiba respeitar o narrador em todos os momentos, o que inclui desde o seu preparo anterior, sobre o universo do narrador, no sentido de que o pesquisador possa efetivamente formular questões significativas e que despertem no narrador o interesse pelo ato de rememorar, até a tessitura de uma relação entre ambos pautada na amizade, entendida aqui como uma aproximação entre pessoas que se mostrem desarmadas dos rótulos sociais, isto é, o pesquisador não deve ir ao encontro do narrador como se fosse, em virtude de diferenças de classe ou instrução, superior àquele.

No mais, o texto, de forma poética, convida o “jovem ouvinte” a se permitir viajar através da narrativa do outro, respeitando os silêncios e valorizando as rupturas, as construções nem sempre bem arrumadas. Vejamos na fala da própria Ecléa:

[...] Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade. Narrativas seguras e unilineares correm sempre o perigo de deslizar para o estereótipo. [...] Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser *trabalhos da memória*. [...] A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis (p. 64-5).

A riqueza da narrativa para o historiador, ao desenvolver um projeto que coerentemente faça uso de entrevistas, não consiste numa simples coleta de dados, mais sim na possibilidade de fazer leituras críticas dos depoimentos, visto que as testemunhas dos fatos históricos são de uma riqueza ímpar na medida em que trazem consigo um discurso plural, pontuado pela coletividade, pela realidade em que se deu a experiência vivida, por isso mesmo propensa a terem também suas falas e memórias indagadas. Um outro aspecto relevante diz respeito certamente à possibilidade de se estabelecer, a partir das entrevistas, comparações e análises entre diferentes tempos históricos. Não é papel do historiador, buscar invalidar testemunhos em razão da inexatidão dos mesmos ou inquirir o narrador como se este fosse um réu, afinal, a oralidade, como já foi dito, traz em si a opulência também dos silêncios. Também não se trata de uma busca da verdade histórica, é bom lembrar que a experiência humana traz em si possibilidades para diferentes verdades.

Em decorrência desse campo de possibilidades que se abre ao conhecimento humano a partir da utilização de entrevistas em que se valorize a memória de homens e mulheres, espera-se uma postura ética do pesquisador, o que em linhas gerais significa respeitar o ritmo do narrador, bem como dar a este a condição de ler, e se necessário modificar, aquilo que foi escrito a partir de sua fala, de sua vivência, de sua criação.

Um dos ensaios do livro (sobre o campo de Terezin) chama a atenção pelo poder que a autora tem de levar o leitor a sentir todo o peso da emoção de uma história de dominação e resistência. Fica explicitado que no campo de Terezin construiu-se uma imagem pelos nazistas, à época da Segunda Guerra Mundial, para convencer a Cruz vermelha de que aquela era apenas uma cidade comum. Os registros indicam que este objetivo foi alcançado, a propaganda conseguiu camuflar a realidade e esconder a dor e miséria dos judeus que ali habitavam e cotidianamente eram vítimas de todo tipo de barbarismo e autoritarismo. A resistência se expressa na teimosia desses habitantes que diante dessa situação de opressão insistiam em simplesmente continuar vivos.

A experiência dos indivíduos se inscreve em um espaço e tempo determinado, o que implica dizer que conhecemos partes do todo e muitas dessas partes se tornam conhecidas para nós a partir da confiança que temos em registros feitos por outras pessoas que experienciaram tais fatos. Mesmo em relação aos fatos por nós vivenciados é comum a existência de construções distorcidas, tais construções são alinhavadas por aspectos culturais e por vezes, tais alinhavos, implicam num processo, denominado por Ecléa de estereotipia, onde resistimos às novas possibilidades ofertadas pela percepção e nos deixamos enredar por aquilo que já está previsto, padronizado, modelado pelos grupos de poder instituídos. Neste processo acaba-se por simplificar a realidade e dessa maneira perde-se a riqueza que a mesma traz em si, naquilo que ainda não foi, por assim dizer, codificado no estereótipo veiculado pelos meios de informação. O conhecimento requer de cada um a ruptura, não só com os estereótipos, mas também com as limitações da opinião que constitui uma representação subjetiva. Esse movimento de ruptura pressupõe um desejo de conhecer, de se lançar em busca de algo que não está dado. Tal movimento requer afinidade, vontade de ir além da superficialidade das opiniões e da segurança dos modelos, que por mais opressores que sejam não dão conta de destruir a originalidade dos indivíduos. É exatamente esta vontade que é responsável pelas transformações históricas a partir de ações que não aceitam a submissão e assumem posturas de rebeldia, através do enfrentamento do *status quo*.

No sentido de anunciar a desobediência ao *status quo*, temos no livro a ilustração, construída de forma a acenar ao leitor com a possibilidade de uma viagem poético-visual da resistência cultural, relatos de experiências de operários e operárias, onde revela-se a grandeza da complexidade do ser humano, ressaltando-se a importância do fazer cotidiano e a beleza dos movimentos de oposição e reconstrução daquilo que está dado, a princípio, como pronto e acabado. É neste movimento de resistência que as pessoas, a partir de suas vontades e necessidades, constroem e mostram sua essência, através do jeito de se organizarem e viverem. É assim que vemos um espaço padrão ganhar vida, pois

[...] A casa vai crescendo junto ao poço, ganhando cômodos de tijolo, alterando sua fachada. Isto pode levar dez, quinze anos. A rua vai ganhando uma fisionomia tão peculiar que às vezes já não identificamos uma série de casas planejadas e outrora idênticas. [...] Há uma composição paciente e constante da casa no sentido de arrancá-la à 'racionalização' e ao código imposto. Em abril e maio algumas ruas mudam de cor: o milho e as abóboras estendem sua folhagem amarelada nos mínimos espaços possíveis. Se o bairro pudesse, ele seria semi-rural, pois ainda vive tão atraído pelo rural que resiste muito ao cimento, ao cimentado no quintal que cobre a terra, que amordaça a planta, que queima a sola dos pés, preferindo o terreiro bem batido, onde um dia poderá nascer uma roseira, um pé de laranja, um capim (p. 160).

A toda hora, na sociedade contemporânea, pessoas são obrigadas pelas circunstâncias econômicas a se deslocarem de seus lugares de origem em busca de trabalho. Este processo traz em si o desenraizamento cultural que é traduzido pelas perdas que os migrantes têm de seus espaços, objetos, convívios, fazendo com que suas raízes fiquem partidas, quebradas. A memória, através das palavras e ações possibilita uma nova vida a partir desses fragmentos, sendo de fundamental importância para a história social às experiências transmitidas e tecidas por esses indivíduos e sua coletividade que teima em ser aquilo que em essência são e desejam ter sua identidade reconhecida num processo permanente de construção e reconstrução, onde a tradição não se deixa cristalizar e se reinventa cotidianamente.

A leitura do referido livro se faz importante para o estudante da área de ciências sociais que deseja valorizar a memória de indivíduos e coletividades, lançando mão em suas pesquisas da fonte oral através da coleta de depoimentos. A obra irá contribuir na construção/ elaboração de questionamentos pertinentes, frente a respostas a perguntas bem como ao silêncio do narrador frente às mesmas. De forma conexa, coerente com aquilo que foi apresentado, também é abordada no livro a necessidade premente de uma postura efetivamente ética do entrevistador/pesquisador frente ao entrevistado/entrevistada. Salienta-se aqui que a leitura do livro *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, ganha relevância para os estudiosos da história social quando, com um estilo de escrita simples e sedutor, trata de forma séria da importância da memória sem contudo divinizá-la.

Referências

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da memória?* Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In.: Revista Inst. Est. Bras., SP, 1992.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In.: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história – Projeto história nº 10, PUC/SP, 1993.

THOMPSON, E. P., *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.